



**A FELICIDADE NÃO ESTÁ À VENDA: teorizações a partir da
cosmopercepção andina do Bem Viver**

**HAPPINESS IS NOT FOR SALE: theorizations based on the andean
cosmoperception of Live Well**

**LA FELICIDAD NO ESTÁ EN VENTA: teorizaciones desde la
cosmopercepción andina del Buen Vivir**

Marta Francisco de Oliveira¹ José Gomes Pereira²

Resumo: Este artigo busca apresentar teorizações ligadas a epistemologia do Bem Viver (*Sumak Kawsay* - quéchua; *Suma Qamanã* - aymara) dos povos andinos. A senda principal dessa tarefa é a de perscrutar o cenário de crise no mundo contemporâneo, especialmente o colapso ambiental, os múltiplos problemas do capitalismo, o aumento das doenças, evidenciando que as promessas apresentadas pela modernidade ocidental não se cumpriram, ao contrário, gerou consequências nefastas que se avolumam visivelmente. Para além da política de silenciamento e ocultamento, gerada pela modernidade eurocêntrica sobre os saberes indígenas, as ideias e práxis sobreviveram

¹ Marta Francisco de Oliveira é professora dos cursos de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Doutora em Letras, Estudos Literários, pela Unesp - Assis, pesquisando a obra de Clarice Lispector (2016). Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da FAALC/UFMS (2020). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5212-5361>. marta.oliveira@ufms.br.

² José Gomes Pereira é doutorando em Estudos de Linguagens PPGEL/FAALC/UFMS. Especialista em Políticas Sociais pela UCDB (2010) Atualmente é professor efetivo - Secretaria de Estado de Educação. Mestre em Estudos de Linguagens PPGMEL/FAALC/UFMS. Pesquisador no Núcleo de Estudos Culturais NECC/UFMS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7655-3985>. E-mail: josegomespereira13@gmail.com.

de maneira difusa e as memórias ancestrais estão impregnadas de possibilidades alternativas da construção de caminhos outros possíveis para seguirmos além das crises e perigos de nossa era. As expressões andinas e amazônicas Sumak Kawsay e Suma Qamanã remetem a perspectiva de buscar a vida bela e plena em harmonia com a natureza. As discussões a respeito desses saberes, lançam luz e esperança no caminho da descolonialidade e no desejo da superação dos cenários de crise do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Bem Viver; Saberes Indígenas; Descolonialidade.

Abstract: This article aims to present theories related to the epistemology of Buen Vivir (Sumak Kawsay – Quechua; Suma Qamanã – Aymara) of the Andean peoples. The main path of this task is to scrutinize the crisis scenario in the contemporary world, especially the environmental collapse, the multiple problems of capitalism, and the rise of diseases, highlighting that the promises made by Western modernity have not been fulfilled—in fact, they have led to harmful consequences that are increasingly evident. Beyond the politics of silencing and concealing indigenous knowledge, generated by Eurocentric modernity, these ideas and practices have survived in a dispersed manner, and ancestral memories are imbued with alternative possibilities for constructing new paths to move beyond the crises and dangers of our era. The Andean and Amazonian expressions Sumak Kawsay and Suma Qamanã refer to the pursuit of a beautiful and full life in harmony with nature. Discussions around these forms of knowledge shed light and hope on the path toward decoloniality and the aspiration to overcome the crisis scenarios of the contemporary world.

350

Keywords: Buen Vivir; Indigenous Knowledge; Decoloniality.

Resumen: Este artículo busca presentar teorías relacionadas con la epistemología del Buen Vivir (Sumak Kawsay – quechua; Suma Qamanã – aimara) de los pueblos andinos. El objetivo principal de esta tarea es examinar el escenario de crisis del mundo contemporáneo, especialmente el colapso ambiental, los múltiples problemas del capitalismo y el aumento de las enfermedades, evidenciando que las promesas formuladas por la modernidad occidental no se han cumplido; al contrario, han generado consecuencias nefastas que se hacen cada vez más visibles. Más allá de la política de silenciamiento y ocultamiento impuesta por la modernidad eurocéntrica sobre los saberes indígenas, las ideas y prácticas han sobrevivido de forma dispersa, y las memorias ancestrales están impregnadas de posibilidades alternativas para construir otros caminos posibles que nos permitan avanzar más allá de las crisis y peligros de nuestra época. Las expresiones andinas y amazónicas Sumak Kawsay y Suma Qamanã remiten a la búsqueda de una vida plena y bella en armonía con la naturaleza. Las discusiones en torno a estos saberes arrojan luz y esperanza en el camino de la descolonialidad y en el deseo de superar los escenarios de crisis del mundo contemporáneo.

Palabras clave: Buen Vivir; Saberes Indígenas; Descolonialidad.

INTRODUÇÃO: Para pensar nos preâmbulos e escapar de uma lógica de assimilação

O heroico num ser humano é não pertencer a um rebanho.

José Saramago. *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*, 2010.

Convivialidade: Neologismo que substitui a noção ocidental de coexistência de sistemas antagônicos. A convivialidade não aponta para um *modus vivendi* que permite evitar o enfrentamento à espera de que as coisas melhorem. A convivialidade pretende ser uma relação positiva, para uns e para outros(...)

Simón Yampara Huarachi. Simón Yampara Huarachi. *Cosmovivência andina: viver e conviver em harmonia integral - Suma Qamaña*. 2024.

No que tange ao título deste trabalho, convém fazer as ressalvas devidas. Quando afirmamos que “a felicidade não está à venda” queremos nos contrapor enfaticamente à visão difundida pela lógica colonial moderna e seu aparato capitalista que incutiu-nos a ideia, obnubilada, de que, em posse do dinheiro e dos bens materiais, encontraríamos a auto realização, a felicidade. Ao longo desse texto breve, procuramos nos antagonizar a essa percepção distorcida. Além disso, inspiramo-nos por Oyèrónké Oyewùmí, quando afirma em sua obra que: “O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais”. (2021, p. 29). A autora contrapõe “cosmopercepção” a “cosmovisão”, pois defende que o privilégio da visão no mundo ocidental tem levado as distinções e exclusões por raça, gênero, corpo etc. Ou seja, priorizar a visão implica priorizar um sentido sobre os demais, em perspectiva hierarquizada e hierarquizante que, ademais, acarreta a parcialidade: o ‘ponto de vista’ se contrapõe ao olhar integralizador, o mosaico caleidoscópico que encampa a diversidade e a pluriversalidade. Assim sendo, a “cosmopercepção” engloba os grupos culturais que possuem uma percepção mais holística do cosmo que vivencia. Também optamos em grafar, ao longo do texto, Bem Viver com iniciais maiúsculas para remeter ao conceito ancestral indígena andino/amazônico.

Abrimos a presente reflexão a partir da evocação das instigantes palavras do escritor português José Saramago para, talvez, transitar nas movediças bases de uma contradição linguística e epistemológica iniciada pelas possíveis formas de compreender a ideia de rebanho e o heroísmo de desprender-se - ou não. Com

Saramago, o vocábulo e a ideia retomam um discurso cujo sentido difundido implica a submissão, aceitação e ingenuidade, até mesmo uma lógica de exploração - rebanhos existem para que seu 'dono' se beneficie de seu manejo de distintas formas. Assim, a epígrafe exalta e ressalta que é preciso um grande esforço para conseguir ser daqueles que não seguem um rebanho, acomodando-se inclusive aos infortúnios. Exige um ato verdadeiramente heróico desejar se desvencilhar de uma maioria assujeitada e ter um pensamento próprio (na esteira de Rodolfo Kusch) e ações próprias, afinal, o rebanho, assim visto, é uma metáfora bastante ilustrativa do conformismo de nossa era.

O rebanho é uma massa, obliterando diferenças e individualidades; na metáfora religiosa, endossada pela lógica colonial/colonialista desde a invenção da América (O'Gorman, 1992) e de sua constituição "como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade" (Quijano, 2005, p. 117), tem um pastor e protetor, um herói, um redentor que o guia por campos desconhecidos e perigosos. Esse líder se sacrifica, 'dá a vida' para salvar os indivíduos por ele liderado, merecendo, portanto, gratidão e obediência; seus seguidores, como ovelhas, ouvem e reconhecem a voz do pastor, submetendo-se a ele. Assim, uma moral cristã, estabelecida a partir de instituições estruturadas ao longo do tempo em hierarquias e em relação direta com outras formas de poder social e econômico, com sua vocação dominadora e colonialista, nos ensinou a 'seguir o pastor' e a resistir às intempéries, aceitando-as com fé e docilidade, um fatalismo determinante de nosso lugar no mundo, sob um 'nós' (ou 'eles') que domina o 'outro' (o diferente, o selvagem, grupo no qual se enquadram a América e o sul como um todo), um sul subordinado a um norte, um modo de ser, pensar, viver que deve se curvar, calar, se diluir ou desaparecer para se adaptar ao modelo imposto. Afinal, se não encontrarmos a felicidade nesta vida terrena - disponível para aqueles privilegiados que a podem comprar -, podemos padecer estoicamente a dominação porque a encontraremos no 'céu', esse sonhado paraíso do vir-a-ser, recompensa pela resignação ao nosso infortúnio de ter nascido onde nascemos, nos arrabaldes, nas periferias, nas margens literais e simbólicas dos sistemas geopolítico, econômico, cultural, histórico, religioso, moral e social que dividem o mundo e os indivíduos.

Dessa dita lógica moderno-cristã é difícil se apartar. Ela nos foi incutida por

retóricas nefastas desde o advento do colonialismo. Para exemplificar, a pesquisa de Tiago Osiro Linhar³ aponta nitidamente para as maldades muito bem racionalizadas e aprovadas pela igreja desde o período colonial - ela também uma instituição colonizadora e a serviço de tal lógica. Linhar afirma que “houve uma subjetividade cristã de cunho dualista cuja função fora incorporar ao ocidente a lógica da dominação” (2024, p. 69), seguindo a linha da matriz de reflexão Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel e outros. Com o correr dos séculos, tal pensamento não arrefeceu e, ao contrário, foi ganhando contornos mais sofisticados nas estruturas de dominação em todas as dimensões da existência. Eis a razão pela qual pareceu-nos apropriado utilizar a epígrafe de Saramago, escritor português, para dela nos apropriar e dialogar, inclusive na chave do pensamento próprio de Kusch pois, latino-americanos, não nos conformamos e informamos com a importação do pensar/fazer pautado em categorias ocidentais. Se, ao longo do tempo, quiseram nos impor o pensamento europeu como único modelo válido, o nosso é um tempo propício para desilusões (aliás, bem-vindas) com os modelos que nos inculcaram. Talvez precisemos crucificar a ideia de heróis e pastores guias, à custa de certa ‘deriva’ pela retirada do território antes sólido do pensamento e da configuração de mundo impostas deste o ‘dentro’ (o centro) que nos deixou no ‘fora’, na exterioridade dos saberes do norte global. É hora de nos apartarmos das narrativas modernas que afirmaram, em seus devaneios civilizatórios, um futuro feliz e desenvolvido apenas possível à sua imagem e semelhança, cujo resultado velado, não-dito, sempre implicou a submissão, o apagamento.

353

Liderada qual rebanho pelos homens brancos europeus, a humanidade, inclusive os grupos considerados mais atrasados e primitivos, faria a marcha para o progresso incomensurável, mesmo ao preço de sangue derramado. Esse sonho descabido, unilateral, dominador nunca se concretizou de fato e plenamente apesar dos mais ávidos esforços e do apoio, nem sempre consciente, de seus reprodutores e perpetuadores de um colonialismo interno. Sempre houve dissidência, a latência de modos de pensar, sentir e existir outros. Em nosso tempo, a visão eurocêntrica, cristã, branca, racista, patriarcal e exploradora escandaliza-se a olhos nus. Por isso, é bastante pertinente considerar que

³ LINHAR, Tiago Osiro. **Nascer é correr um risco: o infortúnio do espaço e da origem**. Curitiba: CRV, 2024.

A questão é o que fazemos uma vez que estamos conscientes? Há três caminhos possíveis: tentamos nos assimilar, e boa sorte na assimilação, nos adaptamos o melhor que podemos, pois temos que viver, ou, a terceira, nos adaptamos e começamos a construir projetos que apontam para outras formas de vida (MIGNOLO, 2013, s/p)

É nesse sentido que a ideia de rebanho, tal como vimos pensando, implica a assimilação submissa, exigindo o heroísmo do desprendimento e da não aceitação passiva. Infelizmente, assistimos cotidianamente a uma política de assimilação pacífica, conforme menciona o crítico argentino Walter Mignolo, desejando ‘boa sorte’, aqui no Brasil. Temos o “pobre de direita,”⁵ o negro racista, o gay homofóbico, cristãos armados até os dentes, a máxima ‘bandido bom é bandido morto’ e tantos outros exemplos clichês e cotidianos do quanto de esforço se faz para ter a ilusão de pertencimento a um lugar que não é o seu de fato.

Buscamos seguir, entretanto, no percurso proposto pelo autor quando aponta para o fato de que é possível “construir projetos para outras formas de vida”, algo corroborado pelo pesquisador boliviano aymara Simón Yampara (p. 126):

em outras palavras, quero dizer que abramos nossa mente e nosso coração para outros horizontes, para outras epistemologias; que não nos conformemos apenas com a epistemologia tradicional existente em busca do que é mais moderno, mais avançado, quando, na verdade, pode se tratar da tradição colonial mais atrasada.

Se as histórias contadas pelos países hegemônicos do ocidente atribuíam a culpa pela pobreza, fome e miséria⁴ à incompetência política dos países do sul (América Latina, África e Ásia), essa falaciosa percepção já não se sustenta mais. A crise se espalha em diversas e volumosas áreas, que não há mais como se esconder atrás do negacionismo costumeiro. E, ironicamente, os seres desprovidos da linguagem verbal humana são os que mais vociferam o descompasso atual: a natureza revela explicitamente que as práticas predatórias ocidentocêntricas são inconciliáveis com a continuação da vida na terra. Desastres ambientais recentes e em pleno andamento no momento presente, colocam norte e sul na horizontalidade na percepção de seus efeitos, nivelando humanos, natureza e a própria terra na condição de afetados pelas práticas de exploração.

⁴ O pensador Ramón Grosfoguel afirma enfaticamente que antes da colonização não havia pobreza ou a miséria nos continentes colonizados. É possível acompanhar sua fala completa acessando <https://www.youtube.com/watch?v=AD4b7nD8reE>.

O paradigma da dominação produziu a mudança climática, provocada especialmente pela industrialização e seus desdobramentos. A água está escassa em alguns lugares e contaminada em outros. As fontes de energia dão o alerta de que estão mingando. As guerras dos tempos atuais são intercorrentes, em sua maioria, da busca dessas fontes (petróleo, carvão, lítio etc). O consumo desenfreado e irracional, em nome do bem estar e não em busca do Bem Viver, tem colocado a poluição do planeta em níveis colossais e sem precedentes. Seguir o rebanho e o líder que defendem a continuidade desse projeto é, no mínimo, uma insanidade mortífera, literalmente.

Além disso, a felicidade prometida pelo progresso não é tão visível assim e, principalmente, não é universal, ou seja, está disponível para poucos, enquanto apenas sua falácia tem um alcance muito maior. Somos herdeiros da promessa moderna colonial de um mundo pleno e sem dor, sem sofrimento, pautado em conforto e mínimo esforço. O chamado controle da natureza, o domínio da tecnologia, o avanço das ciências, nos fariam alcançar a vida idealmente realizada; entretanto, percebemos que isso não se concretizou, pelo contrário, trouxe consigo uma avalanche de problemas, destruições, barbáries e mal viveres que assolam, sobretudo, as grandes parcelas mais vulneráveis do globo.

355

A vida, que deveria ser pulsante e intensa, tem dados sinais de sua exaustão. A natureza nunca experimentou tantas mortes e extinções, perda da biodiversidade e esgotamentos flagrante. Por outro lado, o ser humano também externaliza suas fadigas. A depressão é a doença mais incapacitante do século XXI, segundo a Organização das Nações Unidas⁵. Além disso, os números mostram uma tendência ao crescimento dos casos. Dos anos de 1990 a 2017 os novos casos aumentaram em 50% pelo mundo afora⁶ e passaram a afetar com pronunciada ênfase crianças e jovens.

Somam-se, a esse cenário de crise, as taxas de dependência química: estão aumentando em todo planeta. Lembke (2023, p. 44) nos alerta para o fato de que “a mudança de paradigma em torno da dor traduziu-se numa prescrição maciça de comprimidos de bem-estar”. Aumentou-se o consumo de antidepressivos, de estimulantes e de opióides. A juventude, especialmente os adolescentes, também

⁵ ONU *apud* Mosé, Viviane. **Nietzsche hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

⁶ LEMBKE, Anna. **Nação dopamina**. Tradução Elisa Nazarian. São Paulo: Vestígio, 2023.

visibilizam os desajustes com os tempos do agora. As chamadas “mortes por desespero”, o suicídio, tem aumentado significativamente. É hoje a segunda causa de morte nos Estados Unidos e a terceira no Brasil, para corroborar o alerta da gravidade da questão, sem mencionar tantos outros casos relacionados, com tentativas e/ou mutilações.

O espaço urbano, cujo cenário passou a ser alterado inexoravelmente desde os processos de industrialização, encontra-se hoje densamente povoado, em um caótico amontoado de gente, cuja arquitetura não considera todos os grupos possíveis que convivem em sociedade. Tal distribuição se torna desigual em espaços de convívio e de habitação, mas contraditoriamente, repletos de vazios, em uma arquitetura hostil e um alto custo de vida, resultando nos espaços abandonados de convívio, cuidado e habitação. Pessoas indo e vindo, carrancudas, taciturnas sem fazer a menor ideia de quem é o indivíduo em que se deu a última cotovelada, vistos mais como coisas, segundo a lógica moderna e colonial. Muita gente reunida compartilhando solidão, mergulhadas no último aparelho da moda, preenchendo ausências na conexão ficcional de parafernalias do entretenimento - as redes sociais, pouco sociáveis, espaço de violências anônimas. Nada contra esse cenário, guardadas as devidas proporções, mas tememos o resultado: os espaços das cidades estão povoados pela insegurança, pela ausência do olhar gentil, empático, pela falta de simpatia pela dor alheia. As mulheres temem abusos, dos mais variados e sombrios, os homens não sabem quando será o próximo assalto, se encontrarão a ajuda necessária. De medo em medo, nos resta temer os estranhos, que no caso do meio urbano, são praticamente a totalidade.

356

Não deixo⁷ de recordar-me, com certa nostalgia, de parte da minha infância e adolescência. Passei essas fases da vida no assentamento Marcos Freire, um projeto federal de assentamento, criado em 1987, com a área total de 5.269 hectares e 187 famílias assentadas. Sua criação se confunde com o início do movimento dos trabalhadores sem terra (MST) em sua luta por um pedaço de chão e sua justa distribuição. Meus pais, em sua diáspora interna advindos do nordeste brasileiro, também não possuíam terra, portanto, viveram essa luta. Naquela época, a relação de pertencimento a um lugar para chamar de seu consistia em

⁷ Em alguns trechos, decidimos por introduzir situações cotidianas vividas no passado, por compreender que o *lôcus* de enunciação e, portanto, nossa inscrição como sujeitos é parte fundamental das teorizações. Nestes espaços, cito episódios de minha história de vida.

pensar em viver da terra, fazê-la produzir e dela cuidar no mesmo ritmo do cuidar da família e dos vizinhos/amigos.

A base da economia era a agricultura familiar de subsistência. Eram tempos difíceis, pois não havia política pública que atendessem as muitas carências dos assentados. Mas me lembro também de relações sociais fortes e marcadas pela afabilidade, aproximação e respeito mútuo. Eu tinha a sensação de segurança. Todos se conheciam. As histórias, os causos, o café e os frutos do cultivo, tudo era muito compartilhado. Faço esse contraponto de perspectivas, pois acredito na possibilidade de um paradigma outro para que as cidades possam ser ambientes mais seguros e de fato coletivos.

Não queremos, neste espaço de reflexão e escrita, banalizar situações tão complexas, nem realizar elucubrações descabidas ou esgotar uma análise de conjuntura completa. Apenas trazemos esses exemplos para ilustrar a crise como uma realidade presente, a partir de uma lógica moderna que coloca a ‘felicidade’ à venda como qualquer corpo ou produto a ser explorado. Perguntamos, intimamente: será que os dados mostram que a vida, em sua potencialidade, não se tornou um fardo pesado demais, sobretudo para populações mais vulneráveis, assim como para as novas gerações, contrariando as prescrições da modernidade colonial? Será que o paradigma da modernidade escancara, no agora, que esse processo civilizatório requer descontinuísmo, pois não se sustenta/sustentará por muito mais tempo? E em flagrante divagação, nos interrogamos: Será que estamos adoecendo na mesma proporção que adoecemos *pacha*, a terra?

Vale enfatizar também que todos esses acontecimentos caóticos encontram sua maior força motriz no sistema econômico capitalista e sua capacidade ubíqua de ser um “devorador de vidas”. Seus resultados são gritantemente excludentes para a maioria esmagadora de pessoas que sobrevivem com as migalhas dos resíduos sobranes, enquanto apenas cerca de 10% usufruem dos luxos da vida. Como enfatiza Demo (2023, p. s/p): “Nunca o capitalismo se interessou pela justiça social, a não ser forçado. Seu fundamento é elitista, supremacista, cujas bases produzem exclusões veementes”. A promessa que o pleno desenvolvimento traria riqueza e prosperidade para a maioria é visivelmente uma anedota, pois se mostrou contrária ao permitir concentrações absurdas de renda nas mãos da minoria que se assoberba em seus iates e helicópteros e sequer pagam impostos (pelo menos no Brasil). De fato, quando surge, dentro do sistema moderno capitalista e colonial, qualquer referência à justiça social ou cuidado com grupos à

margem ou mesmo com a terra é autocentrado, buscando opções para sua própria sobrevivência, pela via do exótico ou para satisfazer demandas e exigências que já não se podem ignorar. Prova cabal disso são as questões levantadas pelas conferências sobre o clima nas quais autoridades de várias e grandes nações, apesar de reconhecerem a urgência de mudanças nos modos de consumo e exploração, se comprometem com alterações mínimas, inócuas.

Os indícios evidentes da crise humana e da natureza, apontados acima, são em grande parte financiados e apoiados pelo sistema capitalista. As indústrias, o agro, as corporações farmacêuticas, as grandes multinacionais, as grandes companhias petrolíferas têm na doença, no adoecimento, na morte, no medo, na ignorância das causas, na desesperança seu horizonte recursivo de retroalimentação. Paradoxalmente, não é uma suposta “cura da vida” que esse sistema busca. Afinal de contas, se os tempos difíceis te deixam triste, compre uma pílula, tome, pois o amanhã será um dia melhor.

É claro que não devemos parar na constatação da crise. Como dito, é da morte dos sonhos possíveis, das utopias reais e da esperança que os detentores do poder triunfam. Não cabe sermos vítimas de um crime perfeito. Recordo aqui as palavras do filósofo e militante da causa indígena, Ailton Krenak (2022, p. 37):

Não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da terra e dos nossos ancestrais. (...) Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundo possíveis.

Parar na constatação da crise é precisamente um ato de conformismo, é aceitar a lógica do rebanho: algum líder (europeu, estadunidense, branco) alguma instituição global, algum ser iluminado nos libertará e nos ajudará na travessia desse árduo deserto. Ora, já vimos que essa lógica nos leva à morte, seja por fadiga, por esgotamento, por letargia ou por infortúnio de alguma dominação. Neste aspecto, as palavras de Silvia Rivera Cusicanqui (2024, p. 63) é de uma sanidade necessária e provocativa:

O que entendemos por racionalidade econômica? Até que ponto vamos conceder à ideologia do progresso todas as mentiras empacotadas com as quais nos envolveram todos esses anos? A crise nos ajuda a encontrar e a revelar essas mentiras; a descobrir a irracionalidade profunda da bolsa de valores; a constatar a alienação humana que se instalou no centro da economia mundial; e a vislumbrar nessas formas comunitárias de economia sagrada uma lógica diferente, na qual podemos

nos inspirar para reatualizar maneiras mais orgânicas, saudáveis e humanas de fazer as coisas no (e com o) mercado, mas também resistindo às suas lógicas totalizadoras.

Na senda da perspectiva de Cusicanqui, também destacamos a necessidade de se pensar alternativas para nossa era e sua “política da morte”. Se nos movemos num deserto metafórico e inquietante, temos de estar dispostos a pensar/fazendo caminhos para o além do aqui agora. Percursos que nos façam querer a vida plena, feliz, coletiva, justa e livre. Ir para além da lógica salvífica do projeto dominador da modernidade colonial.

Antes de continuar, acreditamos que algumas ressalvas são importantes. Quando neste espaço de escrita se propõe a discussão de alternativas, não se destaca o seu caráter unívoco para busca de respostas. Ao contrário, como nos alerta Rita Segato (2021, p. 22) “As ações da sociedade devem ocorrer em todas as frentes, fora e dentro do campo estatal, por caminhos e brechas múltiplos e simultâneos”. Amparado por sua sensatez, podemos afirmar a possibilidade que alternativas políticas, sociais, econômicas, culturais podem conviver e convergir para paradigmas além do escopo da modernidade colonial.

Por outro lado, não podemos nos inebriar de ingenuidade e meramente nos apropriar de conceitos e perspectivas culturais de forma acrítica. Essa pesquisa propõe a busca da cosmopercepção de origem indígena andina/amazônica *Sumak Kawsay*; *Suma Qamanã*, traduzido como Bem Viver. Convém enfatizar que essa via alternativa ainda está em construção, assim não carrega consigo o dever e nem a visão salvífica, como fizeram insistentemente os europeus, em relação aos desafios do nosso tempo. Porém, convém estabelecer um percurso epistêmico que nos embasa e fundamenta a opção pela cosmopercepção, ainda que *grosso modo*. A conceituação de pensamento próprio latino-americano, segundo Rodolfo Kusch em *América profunda* (1962), se opõe ao ser europeu, pautado em abstração de uma racionalidade que busca o domínio sobre os que ou não são, ou são menos em relação ao modelo do norte global, desde o ponto de vista de um dominador linguística, cultural, econômica e politicamente estabelecido. O pensamento próprio recoloca em foco o estar, próprio das culturas andinas, como categoria filosófica e modo de habitar o mundo, promovendo, assim, uma relação mais orgânica com a terra e a comunidade. Aprofundando tal ideia, Enrique Dussel (2005) trata da filosofia da libertação e considera que o pensamento próprio advém da escuta de vozes oprimidas, criticando o eurocentrismo e a imposição de moldes estrangeiros, ampliando o horizonte ético e político de libertação frente à colonialidade. Dussel também considera que o pensar latino-americano deve

nascer da realidade local vivida. Por fim, o sociólogo e filósofo aymara boliviano Simón Yampara Huarachi (2024) é referência fundamental quando desenvolve a ideia de *pensamiento comunario*, pois o pensar não é individual, mas vinculado à comunidade, à terra e à reciprocidade. Para ele, o modo de pensar é o modo de ser/estar andino que se vive e se sistematiza dentro da tradição, pelas práticas comunitárias.

Desta maneira, suas contribuições se aliam a nosso entendimento do Bem viver, permeando a ideia de alternativa ao debate ocidentocêntrica neoliberal. É, portanto, um contraponto, uma percepção outra às discussões do presente. Assim, o Bem Viver é uma perspectiva teórica, política e cultural e, como tal, não é uma receita mágica para redenção da terra. Afiança-se mais como um instrumento de compreensão da realidade complexa na qual estamos imersos, e pode também ser entendido a partir de sua dimensão ética.

Além disso, não se trata de conclamar uma volta romântica a um passado remoto de vida na selva. Não se constitui como um anacronismo inveterado em que se deve negar o agora e começar do zero o futuro da humanidade. Pelo contrário, esses saberes se somam aos demais num fazer vir-a-ser perene e aberto. Se buscamos tal perspectiva, é por que defendemos que a universidade, apesar de sua perpetuação insistente da visão eurocêntrica, não pode se esquivar de trazer para discussão saberes historicamente silenciados e subalternizados.

Ademais, nos questionamos quantas ressalvas teremos de fazer ao longo dessa pesquisa. Divagamos internamente que talvez se estivesse estudando alguma teoria da “moda” de algum intelectual morto dos lugares hegemônicos do poder de fala, não precisasse nos justificar tão enfaticamente.

O BEM VIVER: a morte das utopias e das sensibilidades é também a morte da vida

No meu ver tem duas saídas para enfrentar o trágico da existência: o sonho e o riso.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. 2005.

Para iniciar este subtítulo, vale a ressalva que o bem viver é a base da construção da tese de doutoramento em desenvolvimento no programa de pós-graduação em Estudos de linguagens da UFMS. Desse modo, a partir de agora as considerações serão tecidas com a predominância de uma única voz - a minha,

doutorando, estabelecendo as bases para minha hipótese e argumentação. Começo essa busca pela cosmopercepção do Bem Viver fazendo um movimento contrário, ou seja, antes de dizer o que ele é, direi o que ele não é. Isto porque toda tradução carrega consigo os perigos de não dar conta de transculturar a inteireza do ser das coisas escondidas nas palavras. Assim, existe a possibilidade de percepções equivocadas do termo.

A primeira possibilidade é interpretá-lo à maneira da modernidade colonial. Como se o Bem Viver fosse sinônimo de boa vida. Geralmente se diz que o sujeito de vida boa é aquele que usufrui de satisfação e abundância na existência, intercorrente de alguma sorte, herança ou maracutaia. A base da vida desse sujeito está calcada num consumismo exacerbado e estéril, destrutivo, ao modo do neoliberalismo, produzindo consequências danosas ao planeta. Neste aspecto, o Bem Viver se antagoniza com uma vida baseada num consumismo desenfreado, pois “Sua preocupação central, portanto, não é acumular para então viver melhor. Do que se trata é de viver bem aqui e agora, sem colocar em risco a vida das próximas gerações”. (Acosta, 2016, p. 84).

Refletindo sobre o cenário contemporâneo, o Bem Viver é em si uma resistência ao colonialismo. Ele se antagoniza a uma exploração desenfreada dos recursos para nos propiciar a “boa vida”. Não pode existir um Bem Viver se o preço a ser pago é a destruição da natureza. Se a harmonia é rompida, se perde a *práxis* de uma vida comprometida com o cuidado e proteção de todos os seres. Alberto Acosta (2016, p. 40) nos apresenta uma definição brilhante das possibilidades do Bem Viver:

O bem viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis.

Em conversas cotidianas com pessoas advindas do agronegócio ou que são defensoras desta perspectiva, é comum a afirmação fatalista de que se não plantar ou criar animais, a custo da morte da floresta e suas vidas, nas terras, a fome seria um caminho inelutável. E todos de alguma maneira silenciam-se, pois lá no fundo não há quem não tema a fome. E se algum ser humano crítico faz a afirmação de que há alternativas a isso, é logo apodado de esquerdista, esquerdopata, comunista, utópico ou coisa do tipo. Afinal o agro é tudo. Geralmente fingimos

que não sabemos que, para ele existir, tudo mais precisa morrer, sobretudo quando se segue a lógica predatória da modernidade colonial.

A ideia que permeia essas falas é aquela de que se a modernidade nos logrou esse percurso, ele é o único e o melhor possível. Fatalmente não há outro. É comum que em muitos momentos, também somos levados a pensar embalados por essas anedotas. Passamos a pensar que esse destino é nosso e que não é possível transcender para paradigmas outros. Silvia Rivera Cusicanqui (2024, p. 92) se antagoniza a esse paradigma letárgico e imobilista quando afirma que:

É preciso, portanto, recuperar saberes que estão escondidos, que têm relação com maneiras de enfrentar as crises ambientais, as crises de serviços, as crises de abastecimento. Precisamos estar preparados! Preparados como? Penso que isso só será possível através das comunidades (ancestrais ou modernas, de parentesco ou de afinidade) que sejam capazes, simultaneamente, de fazer e falar, de trabalhar com as mãos ao mesmo tempo que trabalha com a mente, mas também comunidades que não obliterem nem silenciem as vozes dissidentes, as formas femininas e ancestrais de criar o político e buscar o bem-estar comum.

Vale enfatizar que as coisas fundamentais do nosso tempo devem transcender o modelo perpetrado pela modernidade hegemônica. As tensões que vivemos são o indício de que o poder disciplinador do Estado e sua parafernália institucional não são aceitas incólumes. Uma economia outra se descortina no horizonte e ganha visibilidade. Mignolo (2008, p. 298) ressalta que:

Uma economia orientada em direção a reprodução da vida e ao bem-estar de muitos incorpora uma política de *representação* na qual o poder está na comunidade e não no Estado ou em qualquer outra instituição administrativa equivalente.

O cenário desafiador do mundo do agora exige firmeza de espírito, mas também requer sensibilidades múltiplas. Abertura ao comunitário e maneiras afáveis de viver e ver a vida. Me vem à mente momentos da minha infância que trazem a sensibilidade maternal em seu aspecto mais insigne. Eu nasci na fronteira sul do estado de Mato Grosso do Sul, região conhecida pelo frio volumoso no período invernal. Apesar dos ventos gélidos das manhãs, eu e meus irmãos nos levantávamos cedo em busca de pão caseiro (uma espécie de pão mágico que só minha mãe conseguia fazer).

Nossas casas sempre foram de chão batido. Digo nossas casas pois, na condição de arrendatários de terras, mudamos inúmeras vezes. Minha mãe, percebendo nosso frio, pegava o que ela denominava de “frande”, um pedaço retangular de aço, e o enchia de brasas vivas, resultado da queima das lenhas, e

colocava no centro da cozinha. Então, ficávamos de cócoras à sua volta. A alegria tomava conta da convivência. Permanecíamos ali até o “sol esquentar” e a gente procurar alguma traquinagem para fazer. Aquilo aquecia o corpo, mas também aquecia a alma. Um gesto pode mudar muita coisa. Esse acontecimento do passado, me rememora também a ideia de Rita Segato (2021, p. 22) quando nos fala da “fé histórica”, acreditar no poder indomável da história e dos gestos humanos:

O destino da história é desconhecido, totalmente aberto e indecível. Somos movidos por uma “fé histórica”, que sustenta o caráter imprevisível da história. Sobre o destino da história, a resposta é “não sabemos”, curvando-nos à trágica estrutura da cena humana e à incerteza.

Chamamos a atenção para sensibilidades, pois se não sobrepujarmos, questionarmos nossos gestos e subjetividades, não compreenderemos a inteireza da perspectiva do Bem Viver. Isso porque o colonialismo e seus muitos desdobramentos, nos incutiu a lógica, ilógica, da destruição. Sem a mutação de nossas sensibilidades, na maioria das vezes insensíveis às questões ambientais, não conseguiremos transcender a relação de exploração destrutiva que estabelecemos com *pachamama*, a mãe terra, onde cabe toda diversidade e potencialidade da vida.

Como já venho defendendo ao longo deste texto, essa lógica outra só pode ser compreendida se fizermos o esforço de mirar para outros lugares que não o ocidentocêntrico. Essa miragem outra permite-nos ampliar e desaprender o princípio mono-tópico e uni-versal que tendem ao biocídio, ao genocídio e ao epistemicídio. Por isso, convém adotar uma opção descolonial dos nossos saberes e fazeres:

A mudança radical introduzida pela “*versant decolonial*” se move, se desconecta da ideia ocidental de que as vidas humanas podem ser descartadas por razões estratégicas e da civilização da morte (comércio escravo massivo, fomes, guerras, genocídios e eliminação das diferenças a qualquer custo) em direção a uma civilização que encoraje e comemore a reprodução da vida (...) mas a comemoração da vida no planeta, incluindo organismos humanos que têm sido “separados” da natureza na cosmologia da comunidade europeia. (Mignolo, 2008, p. 316.)

O andar atento é a condição de necessidade dos tempos sombrios que nos assola. Uma exemplificação estarrecedora de que o colonialismo interno⁸ persiste, está representado especialmente pela bancada política rural e evangélica do Brasil, nessa conjuntura atual. O Projeto de Lei (PL) 2.159/2021 que dispõe sobre o licenciamento ambiental, acabou de ser aprovado por incontestável (vergonhosa) maioria no Senado Federal em 21/05/2025. Ele ainda tramita, mas indica claramente que a preservação da natureza não é uma pauta real para diversos grupos políticos e sociais no Brasil. Esse projeto é uma afronta direta ao cuidado com a terra, pois flexibiliza diversas legislações em relação aos licenciamentos ambientais e ataca frontalmente direitos indígenas e quilombolas e o direito às suas terras ancestrais preservadas.

Não bastasse essa aprovação nefasta, que atende aos interesses do capital e seus defensores, outro episódio subsequente escancara a política racista e patriarcal que tomou conta dos diversos espaços de poder político no Brasil. A ministra do meio ambiente, Marina Silva foi convidada para falar sobre as questões relacionadas ao Ministério do Meio Ambiente e também sobre o projeto de lei, sofreu as agruras deploráveis do racismo e patriarcalismo resumida na fala: “Ponha-se no seu lugar”⁹. Uma frase que resume o desejo do homem branco, machista, cristão de silenciar não uma mulher, mas todas elas. Para refletirmos sobre esse episódio cabe a perspectiva de Oyèrónke Oyewùmí (2021, p. 27-28) ao referir-se a ideia de corpo:

(...) quem está em posições de poder acha imperativo estabelecer sua biologia como superior, como uma maneira de afirmar seu privilégio e domínio sobre os “Outros”.
(...) Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, podem se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas.

Esses acontecimentos, marcam a política brasileira como aquela que melhor escancara o colonialismo interno: aqui só devem falar e habitar o corpo masculino, branco e que defende os interesses dos setores que sangram a terra até sua última gota. Um corpo feminino e negro, vindo do norte que não se alinha a

⁸ Compreendo aqui a ideia de colonialismo interno na senda do que disse Santos, (2022, p. 34): “o colonialismo teve seu final como entidade histórico-política, mas continua (re) configurando as relações e os imaginários sociais”.

⁹ Fala proferida pelo presidente da Comissão de Infraestrutura (CI), senador Marcos Rogério (PL-RO).

uma lógica perversamente predatória não entra aqui, deve se colocar em seu lugar. (qualquer um outro, menos aqui, o suposto lugar dos homens).

Os tempos são tão nebulosos que só conseguimos defender com veemência a necessidade da firmeza nos diversos espaços que ocupamos. Se não podemos deter ou reter o mapa exclusivo de caminhos possíveis de saídas, não significa que não possam existir. A alternativa mora no ato de esperar em dias melhores, em lugares mais seguros, coletivos e diversos. Assim, faz-se necessário acreditar novamente. É preciso vencer o cansaço e a desesperança que nos assola. É fundamental que acreditemos no caráter crível do ato educativo e termos consciência de que ele acontece em todos os lugares, em todas as inter relações. Se mover para além das limitações que porventura nos apresentam. Como tão veemente nos convocou Paulo Freire (1992, p. 110 - 111):

(...) é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperança é ir atrás, esperança é construir, esperança é não desistir! Esperança é levar adiante, esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Assim, a primeira e mais fundamental resistência para não nos autoextinguir, para não decretarmos o fim da era planetária ou do pensamento crítico humano, é não deixar de acreditar nos cenários alternativos possíveis, pois como nos afirma o poeta Bertold Brecht (1982, p. 32): “Nada deve parecer impossível de mudar”.

Embora o pensamento e as histórias do sul do mundo sofreram, e ainda sofrem, do silenciamento ocidentocêntrico, nos tempos atuais eles são conclamados a se manifestar em favor e em defesa das epistemologias do sul que promovam a proteção da vida de todos os seres em sua integralidade. Nosso fim será continuar repetindo os mesmos percursos. Nossa falência será se omitir diante das mazelas. O nosso sepultamento pode acontecer a partir das vozes caladas, conformadas com as verdades hegemônicas vindas do norte. As grandes e importantes ideias encontram cenário fecundo nas angústias e na capacidade de espanto dos seres humanos diante da realidade, diante do absurdo. Ora, se os tempos de hoje não nos assustam e não nos mobilizam, talvez todos nós (filósofos e não filósofos, letrados e não letrados, intelectuais e não intelectuais, cientistas e não cientistas) estejamos mortos ou à beira de estar. E isso é uma questão de tempo. É uma questão de escolha.

Despertar para os sonhos é por si só um modo outro de resistência. Contrário a isso é a alienação ou a desistência de encontrar caminhos. O rompimento e a transformação temporal de nossa era nos pressiona com o roubo de diversas questões que nos são caras. Entre elas estão nossa capacidade imaginativa, criativa. Estamos tão cansados com o excesso de coisas para fazer que desistimos de nos mantermos conscientes dos fatos graves que nos cercam. E é assim que os sonhos e as sensibilidades fenecem. Temos pouco tempo e o tempo que temos precisamos descansar, pois segunda-feira tudo começa outra vez. Por essas razões, a tarefa do pesquisador crítico é volumosa, baseada na ousadia, na vontade rebelde necessária. As vozes subalternas soma-se ao seu trabalho, se entendendo não como um fora, mas como aquele que também vivencia a subalternização em sua própria pele. Vale a seguinte ressalva:

Hoje, mais do que nunca, o trabalho de todos nós que nos encontramos empenhados num projeto crítico consiste na busca de um léxico que permita apontar para o futuro e desenhar à frente os cenários de um destino possível, tanto para aqueles povos com os quais compartilhamos a paisagem local e nacional como para todos os povos que compartilham conosco o planeta, agredido como nunca, exaurido por uma rapina sem precedentes. (Segato *et al*, 2012, p. 111)

Reitero mais uma vez, seguramente sem alteração deste paradigma não será possível experienciar a cosmopercepção do Bem Viver. Estamos condicionados a seguir a lógica daquilo que sempre foi feito. Suspeito que somos levados pelo medo de que se mudarmos o percurso perdemos de alguma forma o controle (como se de fato houvesse algum controle). Por isso, qualquer transgressão às coisas como estão, requer firmeza e coragem de espírito. Sem erigir a ideia de caminhos outros possíveis, não haverá avanços no enfrentamento à lógica de adoecimento da vida que experienciamos cotidianamente no corpo/espírito.

Lembro-me bem do que é perder a esperança. As plantações de feijões eram feitas nos meses de abril e maio. Em todos os anos havia o perigo da geada nos meses vindouros. Nos anos em que a chuva dava o ar da graça e a geada, atendendo a alguma magia da minha mãe, não acontecia, a colheita era próspera. Para quem sobrevive da agricultura de subsistência, é sabido que a colheita é sinônimo de comida na mesa e seu contrário significa fome. Houve anos que, ou a chuva não caía ou a geada caía forte. Na minha ingenuidade infantil, não entendia inteiramente a dimensão do acontecido. O que eu observava diante desse acontecimento, eram os rostos dos meus pais melancólicos e desesperançosos. Durante alguns dias, após a perda da colheita, seus olhares eram esparsos e

reflexivos. Revelavam a angústia de não saber (ou saber) o que aconteceria nos próximos meses.

Mas, como que num milagre, a esperança, numa bela manhã de inverno, renascia como o sol que se levanta apesar dos dias encobertos. Quando esse vigor retornava, a vida voltava a brilhar em seus olhos. E isso refletia positivamente por toda casa. Relembro esses acontecimentos fortuitos, para enfatizar a importância de retomarmos o vigor em tempos de tantas desesperanças e desespero. No cenário atual, retomar a esperança pode nos iluminar o olhar e o caminho e talvez consigamos ver muito além das imposições ocidentocêntricas e seus desdobramentos danosos.

Referências

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução Tadeu Breda. São Paulo, SP: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BRECHT, Bertolt. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Um mundo ch'ixi é possível: ensaios de um presente em crise*. Tradução de Sue Iamamoto. São Paulo: Elefante, 2024.

DEMO, Pedro. *Restaurar a cidadania*. Blogspot. Disponível em: <https://pedrodemo.blogspot.com/2024/09/alter-2179-restaurar-cidadania-conclusao.html?q=capitalismo> Acessado em: 10/06/2025.

DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão*. São Paulo: Paulus, 2005.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GROSFOGUEL, Ramón. *Ramón Grosfoguel - Las revoluciones del siglo XXI*. You Tube: 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AD4b7nD8reE> Acessado em 12/05/2025.

HUARACHI, Simón Yampara. *Cosmovivência Andina: viver e conviver em harmonia integral - Suma Qamanã*. Tradução Maricélia Nunes dos Santos In: Revista Laje. *Antologia Básica: giro decolonial em debate - Tomo 1: espaços*. Volume 3 - número 1. UFBA: Salvador, BA: 2024.

LEMBKE, Anna. *Nação dopamina*. Tradução Elisa Nazarian. São Paulo: Vestígio, 2023.

LINHAR, Tiago Osiro. *Nascer é correr um risco: o infortúnio do espaço e da origem*. Curitiba: CRV, 2024.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KUSCH, Rodolfo. *América profunda*. Buenos Aires: Biblos, 1962.

MIGNOLO, Walter. *Decolonialidade como o caminho para a cooperação*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos (online). Ano XIII. 2013. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5253-walter-mignolo> Acessado em 05/05/2025.

_____. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Tradução Ângela Lopes Norte. Niterói - RJ: Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade nº 34, p. 287-324, 2008.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1992. 218p

OYEWÚMÍ, Oyèronké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Tradução de Luis Reyes Gil. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, SP: Boitempo, 2022.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Tradução de Danielli Jatobá e Danú Gontijo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, Rita *Et Al*. *Perspectivas emancipatórias sobre a saúde e o Bem Viver diante das limitações do processo de desenvolvimento brasileiro*. Saúde em Debate. Desenvolvimento e Sustentabilidade: desafios da Rio + 20, Rio de Janeiro, v. 36, n. especial, p. 106-115, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/dZVdXfFwFp4YZbXqyBmPPzj/?format=pdf&lang=pt> Acessado em: 10/05/2025.

Artigo recebido em: 21 de agosto de 2025.

Artigo Aprovado em: 13 de novembro de 2025.